



SNBU 2025

XXIII Seminário Nacional de
Bibliotecas Universitárias

17 A 20 DE NOVEMBRO
SÃO PAULO - SP

Eixo 3 – Gestão de Bibliotecas

Entre técnica e memórias: a experiência de higienização da coleção de Antonio Candido e a concepção do fluxo na Biblioteca de Obras Raras Fausto Castilho

Between dust and words: the cleaning experience of Antonio Candido's collection and the workflow design at Fausto Castilho Rare Books Library

Aline Assencio – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) –
assencio@unicamp.br

Eliane Kiyomi Ohy – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) –
elianeko@unicamp.br

Resumo: O trabalho apresenta a experiência de higienização da coleção bibliográfica de Antonio Candido na Biblioteca de Obras Raras Fausto Castilho (BORA), abordando os desafios técnicos e simbólicos do tratamento do acervo. A partir da concepção de fluxo de trabalho aplicado à conservação, o estudo analisa os procedimentos de triagem, o treinamento de bolsistas e os achados materiais e afetivos nos livros, problematizando o que se perde e o que se preserva nos processos de conservação.

Palavras-chave: Higienização. Antonio Candido. Biblioteca de Obras Raras. Conservação. Fluxo de trabalho.

Abstract: This paper presents the cleaning experience of Antonio Candido's book collection at the Fausto Castilho Rare Books Library (BORA), highlighting the technical and symbolic challenges involved in handling the material. Based on the implementation of a workflow for conservation, the study discusses sorting procedures, student training, and material and emotional discoveries within the books, reflecting on what is lost and preserved in the process.

Keywords: Cleaning. Antonio Candido. Rare Books Library. Conservation. Workflow.





1 INTRODUÇÃO

A Biblioteca de Obras Raras Fausto Castilho (BORA), localizada no distrito de Barão Geraldo, Campinas – SP, integra o Sistema de Bibliotecas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Sua trajetória teve início em 1970, com a aquisição da coleção de Paulo Duarte, seguida em 1983 pela coleção de Sérgio Buarque de Holanda, marco na criação da Diretoria de Coleções Especiais e Obras Raras (CEOR).

Ao longo dos anos, diversas coleções especiais foram incorporadas ao acervo, ampliando seu valor histórico, cultural e intelectual. Em 2012, visando consolidar a preservação e a pesquisa em humanidades, formou-se um grupo de trabalho para projetar uma nova sede para a coleção. A construção, aprovada em 2014 e financiada pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), foi concluída em 2019, quando o acervo da antiga CEOR foi transferido para a BORA.

Com uma área de 3.500 m² distribuída em quatro pavimentos, o prédio dispõe de climatização, segurança contra incêndios, sistemas de vigilância e infraestrutura técnica especializada para conservação. O acervo da BORA conta com mais de 120 mil itens, incluindo cerca de cinco mil obras raras e 26 coleções especiais, composto por livros, folhetos, mapas, revistas, documentos e objetos de elevado valor histórico e simbólico.

Muitos volumes possuem características únicas, como dedicatórias de personalidades, anotações manuscritas e edições limitadas, evidenciando seu significado enquanto artefato e testemunho intelectual. Entre as coleções destacam-se as de Paulo Duarte, Sérgio Buarque de Holanda, István Mészáros, Ana Primavesi e Antonio Candido. Esta última, doada por familiares (2018), reúne cerca de seis mil itens, em sua maioria, livros em língua portuguesa sobre literatura, crítica literária, artes e ciências humanas. Muitos volumes trazem dedicatórias de autores renomados, como Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade, além de outras figuras importantes da literatura brasileira.

Antonio Candido, como crítico literário, sociólogo e professor, marcou profundamente o pensamento nas humanidades do século XX. Com trajetória consolidada na Universidade de São Paulo (USP), onde lecionou, sua obra atravessa



fronteiras disciplinares e segue como referência fundamental nos estudos literários e sociais.

A coleção de Antonio Candido foi a primeira a passar por todo o fluxo de tratamento e conservação desenvolvido na BORA. A experiência da higienização revelou uma “coleção viva”, na qual cerca de 90% dos livros apresentam sinais de uso intenso, com anotações, “revisitas” e correções. Além disso, diversos exemplares continham objetos pessoais usados como marcadores — elementos que evidenciam tanto sua trajetória intelectual quanto sua rotina afetiva. Esses vestígios materiais e simbólicos exigiram uma abordagem cautelosa, sensível às particularidades da coleção, a fim de garantir sua preservação integral.

Este estudo busca analisar o processo de higienização e conservação da coleção, evidenciando as interações entre os aspectos materiais informacionais e simbólicos presentes nos volumes.

2 METODOLOGIA

A higienização da Coleção Antonio Candido representou a primeira aplicação integral de um fluxo de conservação preventiva realizado nas dependências da BORA, configurando-se como uma experiência piloto fundamental para a gestão e estruturação dos métodos de trabalho da equipe técnica e bibliotecária no contexto do novo edifício. A conservação preventiva — que compreende ações não invasivas voltadas à estabilização e à preservação de acervos — teve como foco a higienização, ou seja, a remoção de sujidades e agentes de degradação física, química e biológica. O processo, iniciado em 2022 e ainda em andamento, envolve aproximadamente 6 mil obras e tem conclusão prevista para o primeiro semestre de 2026. A experiência com essa coleção possibilitou a consolidação e formalização do fluxograma de procedimentos adotados nas rotinas do Laboratório de Conservação da BORA, estabelecendo um modelo a ser replicado em outras coleções — sempre respeitando as especificidades materiais, simbólicas e contextuais de cada acervo. Todo o trabalho foi planejado e executado com o objetivo de preservar tanto a integridade física quanto a dimensão histórica e afetiva dos exemplares, considerando seu valor patrimonial.



Os livros foram transportados da residência de Antonio Candido para a BORA por empresa especializada em mudanças e armazenamento, armazenados em caixas de papelão e colocadas sobre *pallets*. Após o recebimento, os livros foram dispostos em bancadas e estantes, onde se iniciou a triagem diagnóstica para a higienização.

Essa triagem teve como finalidade avaliar o estado físico de conservação dos exemplares, permitindo a categorização em três níveis de suporte físico: *frágeis*, *intermediários* e *resistentes*. Tal classificação serviu de base para a definição das prioridades de tratamento, o escalonamento das atividades e a adequação das intervenções conforme o grau de complexidade de cada item (Hannesch; Granato, 2015).

Apesar de aparentar baixo nível sujidade no início da triagem, uma avaliação mais criteriosa revelou a existência significativa de poeira, fragmentos orgânicos, insetos mortos e/ou vivos, vestígios de substâncias tóxicas (possivelmente resíduos de veneno) e objetos estranhos à natureza bibliográfica do acervo — como bilhetes, embalagens e papéis avulsos, marcadores de páginas improvisados com anotações. Foi também nessa etapa que se identificaram outros materiais guardados juntamente com os livros, como calendários, agendas, mídias e materiais soltos diversos, os quais foram higienizados e separados da sequência bibliográfica para tratamento e guarda apropriados. Essas constatações exigiram a readequação do cronograma inicialmente previsto para a execução do trabalho, uma vez que as condições encontradas demandaram cuidados técnicos adicionais e tornaram o processo de higienização mais minucioso e demorado do que o estimado.

A equipe do Laboratório de Conservação da BORA é composta por duas técnicas especializadas — uma técnica e uma bibliotecária com experiência em conservação e preservação de acervos — e um grupo de sete bolsistas, todos estudantes da Unicamp, que atuam por meio de bolsas institucionais voltadas ao apoio técnico em órgãos vinculados à própria instituição. Coube à equipe técnica realizar a triagem e a separação dos livros classificados como resistentes e intermediários — que correspondem a aproximadamente 60% do total da coleção — os quais eram encaminhados para higienização pelos bolsistas. Os bolsistas, por sua vez, foram previamente capacitados e passaram por treinamento específico, recebendo acompanhamento contínuo durante a execução das atividades.



A formação incluiu orientações práticas em conservação preventiva de acervos bibliográficos, com ênfase no manuseio seguro das obras, no uso de trinchas e em outras técnicas de higienização a seco (Cassares, 2000). Além disso, foram preparados para reconhecer e registrar materiais inseridos e anotações relevantes, utilizando filetes de papel sulfite como indicadores nas páginas onde essas intervenções foram encontradas, de modo a preservar a integridade e a historicidade dos volumes, e posteriormente serem devidamente relatados no inventário da coleção.

Dispostos em estantes e após a triagem para o fluxo de higienização, os volumes em estado mais frágil — com folhas ácidas, estruturas quebradiças — eram higienizados diretamente pela equipe técnica, enquanto os exemplares em melhores condições eram destinados aos bolsistas.

Apenas os livros em situação de fragilidade ou com características específicas receberam fichas diagnósticas individuais — com apontamento para monitoramento; os demais foram registrados de forma coletiva, a fim de otimizar o tempo de trabalho. Após a higienização, os volumes eram transferidos para o acervo definitivo e, em seguida, inseridos no inventário físico por meio de numeração sequencial, procedimento realizado por outro membro da equipe técnica de tratamento da informação da Biblioteca. Cada volume foi higienizado folha a folha, preservando as anotações, dedicatórias e marcas de uso que compõem a história material da coleção.

Nos casos em que os exemplares apresentavam capas soltas, optou-se por soluções de contenção não invasivas, como a amarração com cadarço de algodão e o acondicionamento provisório, sem procedimentos restaurativos. Para materiais com grampos ou cliques metálicos, foi realizada a desmetalização, e exemplares com tintas artesanais ou gravuras que já apresentavam transferências receberam interfolhamento com papel, a fim de evitar novas transferências. Essa metodologia reafirma o foco da intervenção na conservação preventiva, respeitando os limites materiais dos objetos e priorizando a segurança do acervo no contexto do tratamento emergencial. A organização do fluxo de trabalho, segmentado por níveis de complexidade, foi fundamental para a eficiência do processo e para garantir a qualidade das intervenções.

Por fim, as decisões técnicas foram fundamentadas em bibliografia especializada nas áreas de conservação, preservação e restauração de acervos (Spinelli Junior, 1997; D'Alambert; Monteiro; Ferreira, 1998; Cassares, 2000; Karpinski, 2015), associadas a



referências teóricas dos campos da memória e do patrimônio (Le Goff, 1992; Brandi, 2004; Ricoeur, 2008). Essa abordagem permitiu o desenvolvimento de um fluxograma pautado no respeito ao material, e às marcas do tempo, considerando suas especificidades para a historicidade da coleção (Artières, 1998). A metodologia adotada priorizou procedimentos minimamente invasivos, alinhados às boas práticas da conservação preventiva, com atenção às particularidades de cada exemplar enquanto objeto cultural singular (D’Alambert; Monteiro; Ferreira, 1998).

2.1 Condições singulares da coleção

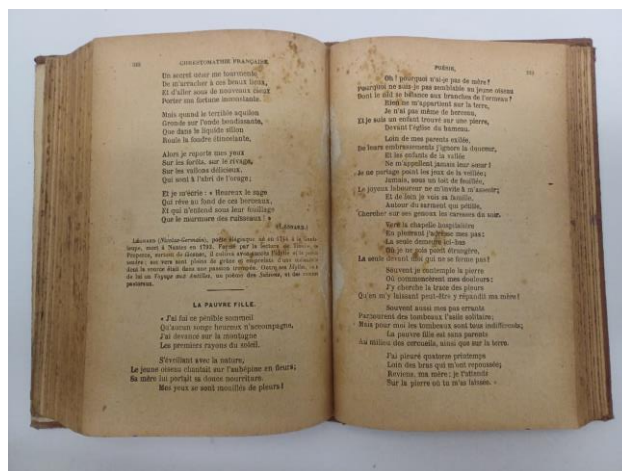
Na coleção, encontramos uma grande variedade de objetos inusitados dentro dos livros, como papéis improvisados como marcador de página, *post-its*, recortes de jornal relacionados ao tema da página e recibos de compra dos livros, entre outros. Cada situação foi analisada individualmente e, na maioria dos casos, o material era retirado da página em que se encontrava, acondicionado em um envelope de papel alcalino de gramatura fina e anotado com o número da página original.

Também foram identificadas marcas mais sutis, como a presença de pó de borracha encrustado entre as páginas, o que indicava anotações posteriormente apagadas, possivelmente durante atividades de estudo. Nessas situações, a higienização era feita com o uso de bisturi e trinch, e a página correspondente era registrada na ficha diagnóstica. Além disso, algumas obras apresentavam capas artesanais e provisórias, sem anotações, sobrepostas às capas originais e confeccionadas com papéis ácidos (papel pardo) — como “papel de presente” — que transferiram acidez para os livros vizinhos. Na maioria dos casos, optou-se pelo descarte dessas capas provisórias (quando não continham anotações), a fim de evitar danos adicionais aos exemplares.

Ainda foram identificados exemplares com potencial tóxico, apresentando resíduos de um pó branco, possivelmente benzeno-hexaclorado (BHC), substância anteriormente utilizada como inseticida e proibida no Brasil desde os anos 1980. Diante da suspeita de contaminação, esses livros foram isolados da coleção, devidamente identificados e acondicionados de forma segura. Por ser um composto altamente tóxico e persistente no ambiente — que não se degrada e permanece ativo por tempo indefinido — a situação exigiu especial atenção da equipe. Até o momento, não foi definido o processo desses exemplares, que permanecem separados e aguardam

avaliação de apoio técnico por profissionais da área da química, a fim de garantir segurança no manejo e embasar decisões no tratamento dos materiais.

Figura 1 – Livro com BHC



Fonte: Elaborada pelas autoras.

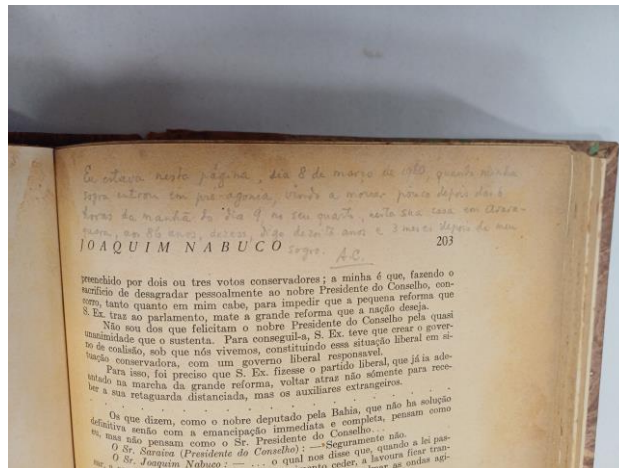
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Mais do que uma reunião de títulos, essa coleção oferece um panorama da vida intelectual de Antonio Candido, marcada pelo rigor acadêmico e pela sensibilidade literária, mas também revela camadas da esfera privada — como rotinas familiares, afetivas e hábitos pessoais — por meio das marcas e inserções encontradas nos livros. Por isso, seu tratamento exigiu atenção redobrada, com o intuito de preservar não apenas o livro-objeto e seu conteúdo informacional, mas sua rotina de estudos/pesquisa e seus vestígios biográficos.

Durante a higienização do exemplar *A vida de Joaquim Nabuco*, de Carolina Nabuco, com 528 páginas, foi possível localizar uma anotação manuscrita no cabeçalho da página 203, na qual Antonio Candido relata o falecimento da sogra e rememora o falecimento do sogro, com data, hora e local. Embora o título seja facilmente encontrado em livrarias e sebos, este exemplar se distingue por conter grifos de estudo/pesquisa e, especialmente, anotações marginais com relatos íntimos da vida pessoal do autor. Trata-se de um exemplo de como o procedimento de higienização folha a folha, além de essencial do ponto de vista da conservação, também colabora com o tratamento técnico ao possibilitar a identificação de registros manuscritos que, de outra forma, poderiam passar despercebidos.



Figura 2 – Anotação pessoal de Antonio Candido



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Ou ainda, no livro de autoria própria *A educação pela noite: e outros ensaios* (1987), um exemplar de 223 páginas contém 24 pequenos "papeizinhos" de papel pardo, com pequenos símbolos que marcam páginas com correções e observações diversas — possivelmente destinadas a uma futura edição. A ordem desses papéis e os símbolos neles inscritos revelam um percurso de leitura ou revisão que se perde caso sejam removidos ou reorganizados. Ainda assim, torna-se necessário isolar esses papéis devido à transferência de acidez para as páginas, preservando-se sua disposição original e registrando-se, a lápis 6B, sua localização exata no livro.

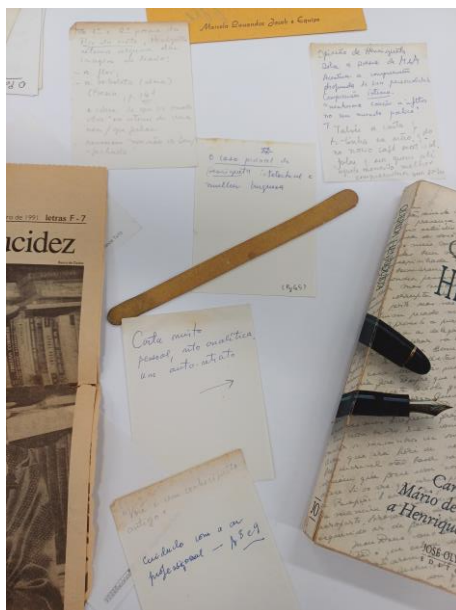
Figura 3 – Marcações com papéis de Antonio Candido



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Também chama atenção o uso de um marcador de página inusitado no livro *Maria Henriqueta*: uma lixa de unha usada. O exemplar contém ainda diversos "papeizinhos" com observações, recortes de jornal sobre o tema e anotações variadas. A presença da lixa de unha é especialmente emblemática, revelando hábitos cotidianos preservados nos improvisos do estudo, configurando o que se pode chamar de "vestígios do passado" — tanto do fazer intelectual quanto da vida diária.

Figura 4 – Lixa de unha como marcador de páginas



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Ou ainda, tantos outros exemplares contêm anotações como “comprei em Paris”, “mostrar para Marina”, “ganhei de meu pai”, “levei esta antologia para [...] lua de mel e ela foi, desde então e por muito tempo importante para mim”. Soma-se a isso a presença de dedicatórias recebidas de importantes intelectuais, amigos e orientandos, nas quais frequentemente se expressam afetos. Entre o privado e o público, o que se perde e o que se preserva no deslocamento de uma biblioteca pessoal, inserida em um ambiente doméstico, para uma biblioteca pública institucional?

A incorporação — ou guarda — de bibliotecas particulares por instituições públicas representa, antes de tudo, uma transição de natureza simbólica. O que era íntimo, doméstico, vinculado à trajetória subjetiva de um indivíduo, passa a integrar um acervo coletivo, técnico, institucional e público. Essa transição, embora desejável e necessária do ponto de vista da preservação e da ampliação do acesso à memória cultural (e monumental), não é isenta de tensões. Há sempre perdas e ganhos,



esquecimentos e revelações, como discute Le Goff (1992) ao tratar da natureza dual dos documentos como monumentos e testemunhos do tempo.

No caso da coleção de Antonio Candido, o desafio dessa transição se evidenciou desde os primeiros momentos da triagem e higienização. Bilhetes pessoais, recibos, recortes, papéis improvisados como marcadores de página — elementos nocivos ao papel dos livros na conservação que, à primeira vista, poderiam ser descartados sob um olhar puramente técnico — revelam, no entanto, uma memória viva de uso, de pensamento em processo, do cotidiano de um dos maiores intelectuais do Brasil. A presença desses objetos carrega uma força documental: são vestígios do passado, marcas materiais de uma trajetória (Ricouer, 2008). Conforme discute Karpinski (2015), se embasando em Paul Ricoeur, essas memórias arquivadas constituem documentos — não apenas registros estáticos, mas rastros que testemunham práticas e subjetividades inscritas no tempo.

Ao serem higienizados, os livros passam por uma espécie de “dupla leitura”. A primeira é técnica: examina-se o estado físico, a tipologia da “sujeira”, o tipo de papel, a encadernação, a necessidade de intervenções. A segunda leitura, porém, é simbólica: cada marca, anotação ou inserção externa ao conteúdo editorial, carrega narrativas implícitas. A biblioteca pessoal, nesse sentido, é o arquivo dessa identidade — e os livros não são apenas suportes de conteúdo, mas testemunhas de uma vida.

Quando uma coleção privada se transforma em acervo público, ocorre inevitavelmente um processo de reclassificação: o que era lembrança vira “metadado”; o que era hábito vira vestígio da história pessoal e intelectual do portador do livro. Há ganhos importantes no recebimento dessa coleção a uma biblioteca pública — a preservação física dos materiais, o acesso ampliado à comunidade acadêmica, a inserção do acervo em redes institucionais de memória. E o trabalho técnico desenvolvido na Coleção Antonio Candido (e que tende a servir de modelo para o fluxo de trabalho no Laboratório de Conservação da BORA) é evitar perdas: o apagamento de certos gestos do cotidiano, a redução da experiência do livro à sua funcionalidade informacional, a “limpeza” de marcas que, embora frágeis e provisórias, eram intensamente (e propositalmente) significativas.

Cabe então à instituição pública — como a BORA — o papel ético e metodológico de construir um meio-termo entre conservação e memória. Escutar o acervo significa



compreendê-lo para além de sua materialidade: preservar não só os livros, mas os modos de leitura, os rastros da vida que os permeiam. Significa aceitar que um recibo esquecido dentro de um exemplar, longe de ser lixo, pode ser também um elo narrativo, uma camada de tempo pessoal que se sobrepõe ao conteúdo intelectual impresso - e isso diz muito sobre o proprietário (e produtor) da coleção.

Nesse sentido, o processo de tratamento da Coleção Antonio Candido se tornou também uma lição sobre a própria natureza do trabalho em acervos especiais. Ele nos lembra que a materialidade do livro não se esgota em sua estrutura física: ela se prolonga nas margens anotadas, nos papéis intercalados, na poeira acumulada, no desgaste deixado pelo uso frequente — todos esses elementos que, paradoxalmente, precisam ser parcialmente removidos para serem preservados, mas jamais ignorados em sua simbologia e história. Com a perspectiva de Brandi (2004), que defende a restauração como um ato crítico e sensível à totalidade histórica do objeto. É nesse ponto que a leitura técnica e a simbólica se entrecruzam, exigindo do conservador não apenas um olhar preciso, mas também sensível às camadas de sentido inscritas nos vestígios do tempo.

Entre o privado/pessoal e o público, o que se perde e o que se preserva no deslocamento de uma biblioteca pessoal, em um ambiente doméstico, para uma biblioteca pública em uma instituição? Cabe aos profissionais e à instituição zelar para que, em nome de uma técnica estritamente funcional, não se apague a densidade simbólica que esses acervos carregam.

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

BRANDI, Cesare. **Teoria da restauração**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

CASSARES, Norma Cianflone; MOI, Cláudia. **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas**. São Paulo: Arquivo do Estado, 2000. (Projeto como fazer, v. 5).

D'ALAMBERT, Clara Correia; MONTEIRO, Marina Garrido; FERREIRA, Silvia Regina. **Conservação: postura e procedimentos**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1998.



HANNESCH, Ozana; GRANATO, Marcus. A conservação-restauração de documentos arquivísticos: reflexões sobre a tarefa de avaliação e priorização. *In*: GRANATO, Marcus (org.). **Museologia e patrimônio**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2015. (MAST: 30 anos de pesquisa, v. 1). p. 204–242.

KARPINSKI, Cezar. Memória arquivada: reflexões sobre documentos e arquivos a partir de Paul Ricoeur. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: ANCIB, 2015.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 535-553.

RICOEUR, Paul. O arquivo. *In*: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 176-188.

SPINELLI JUNIOR, Jayme. **A conservação de acervos bibliográficos e documentais**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1997. (Documentos técnicos, 1).